

CURINGA

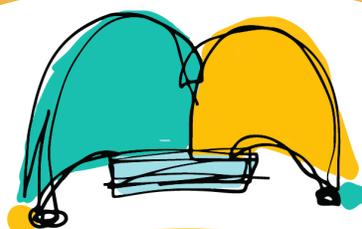
EDIÇÃO 06 | ABRIL 2021 | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



"Leveza", colagem por Wesley Azevedo, @kiwi.studio no Instagram.

PARA RESISTIR AO CAOS E
VIVER ALÉM DELE, É PRECISO
SABER SER LEVE.

LEVEZA



O Projeto Curinga é uma iniciativa particular, sem fins lucrativos. O intuito é deixar uma marca positiva no mundo.

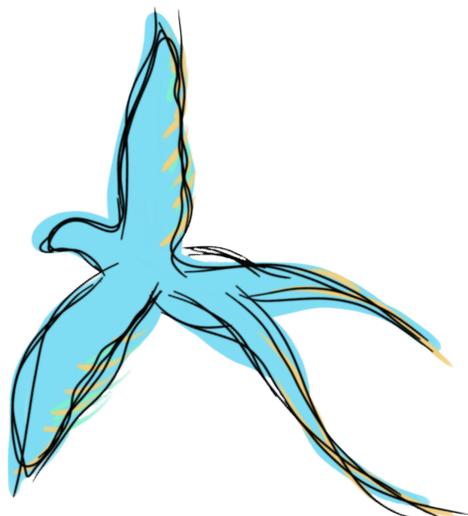
ESTA REVISTA É DISTRIBUIDA GRATUITAMENTE E ONLINE.



CAPA POR WESLEY AZEVEDO, @KIWI.STUDIO NO INSTAGRAM

Design da revista por Carolaine Oliveira, Lara Goulart,
Maria Clara Daniel, Maria Fernanda Daniel, Maria Júlia
Figueiredo e Wesley Azevedo

Realização conjunta por todes es voluntáries do Projeto Curinga.



Continue acompanhando

Todas as informações: [AQUI](#)

Fale comigo no [@projetocuringa](#) no instagram
ou pelo email contato.projetocuringa@gmail.com



Aproveite para ler a revista ouvindo a playlist do tema

É só rastrear o QR Code com o Spotify ou acessá-la [aqui](#)



E para complementar a leitura com algum dos filmes indicados

É só rastrear o QR Code ou acessá-la [aqui](#)

04. O OLHAR DO CURINGA

Carta da editora, por Lara Goulart.

05. ENCONTRO DE VISÕES

Coluna por Beth Correa

06. PASSARINHO

Texto por LebiSca

07. ÉOLO

Texto por Bianca Barboza

07. ÉOLO

Colagem por Maria Júlia Figueiredo

08. LEVEZA DE UM CHORO

Texto por Juliana Verissimo

09. MEMÓRIAS PÓSTUMAS

Texto por Lucas Santos

10. ISSO ME LEMBRA UM FILME

Coluna por Ana 'Sol' Junqueira

11. QUASE ROTINA

Poema por Maria Júlia Figueiredo

12. ANTÔNIMO

Poema por Victória Pizzirani

12. O LUAR

Poema por Carolaine Oliveira

13. A EFÊMERA LEVEZA DE SER

Texto por Maria Fernanda Sousa

14. CLAREANDO

Coluna por Maria Clara Daniel

15. AGRADECIMENTOS

Carta de finalização do Curinga

16. CRÉDITOS

Todes es realizadories da revista

C O O L H A R D O U R I N G A

Tem horas que a ciência é poesia pura, que a vida imita a arte sem brecha nem respiro para outra verdade: são uma coisa só.

Peso é a massa multiplicada pela aceleração. Bonito, até. O peso de cada coisa é o que ela tem em si, a verdade material de seu corpo, potencializada pela aceleração. Sentir o peso é se colocar em colisão com o objeto, uma força anulando a outra.

Sei muito pouco de física e, se for ser sincera, sei muito pouco de todo o resto também, mas parece bonito que para definirmos o quão pesado - ou leve - algo é, precisamos colidir com ele, porque peso é sempre resultado e a realidade daquela coisa é só parte da equação. Muito importa de onde vem e como chega até nós. E ainda, se quem a recebe tiver força maior que a do objeto, ele tem menor peso. Ah, a poesia! A leveza é, desde a física, relativa e dependente de fatores diversos, sempre o resultado de uma equação com muito a ser levado em conta.

Muitas vezes sair de nossas próprias cartas - e cascas - é liberdade; figuras artificiais que somos, nos tornamos leves ao sair de nós mesmas. Outras tantas, ser leve é não saber voar: encontrar-se sem sair do lugar, pisar firme e enraizar. De todos os olhares às borboletas, talvez seja mais leve o baobá preso ao chão: não há como saber sem que colidam comigo. Não há como fixar se as circunstâncias e a minha força de colisão também mudam.

Leveza é resultado da reação relativa de cada encontro.

Esse foi leve para você?

Lara Goulart
EDITORA CHEFE
@LAARAVILHOSA

ENCONTRO DE VISÕES

UM POUCO DO ORÁCULO DE DELFOS OU THEO

**Indico ler o texto ouvindo "Elephant Gun", Beirut e "Tree Little Birds", de Gilberto Gil*

Para falar em leveza, eu preciso falar da minha primeira participação na reunião do grupo de colaboradores da revista. Como me sinto um peixe fora do aquário, eu optei pela discrição, mas meu silêncio foi preenchido pelas falas do grupo, todas pertinentes.

Grata foi minha surpresa pelo que vi e ouvi. A leveza com que os pontos foram abordados, mais ainda acolhidos com generosidade e, convenhamos, como não achar que isso está faltando tanto nesses dias. As pessoas precisam 'prosear' mais e ouvir também. Escolher o silêncio é uma boa ferramenta para aprender a ouvir. Prestar a atenção no outro, tentem! Tão bom....

Uma fala em especial me tocou para além da atenção curiosa e interessada no debate. Theo nos apontou que a leveza é estar em paz com sua consciência. Ter a certeza de suas escolhas e, a despeito da esquizofrenia do mundo, estar pleno de si não abala e nem pesa os momentos da vida. Nada a ver com alienação, por favor, nem anestesia emocional. O ponto é outro. Theo passa por um momento muito especial de sua vida e está leve, mesmo com todo o peso que, creio eu, teve que enfrentar. Achei tão comovente e inspirador. Obrigada Theo! Você me lembrou de que estamos no comando da nossa vida e estar certo disso nos distancia dos dedos apontados para o que somos ou desejamos ser.

Eu sinto que Theo está no caminho certo de uma vida mais harmoniosa, leve e fiquei feliz

por ele. Sempre cabe um cadinho mais de expansão nesse olhar o mundo e interpretar segundo nossa clareza e aspiração. Estar aberta a uma situação nova me ajudou a olhar os que estavam ao meu lado nos quadradinhos da tela com leveza e descontração. Despir a armadura para aproveitar as oportunidades de estar em lugares e/ou situações, antes não pensadas, dá leveza. A vida pode ser boa, sim.

Dá para concluir que a leveza resulta num certo contentamento com a vida. Porém, acredito que muita gente, como eu, sintam que é difícil de manter esse distanciamento emocional ao que nos rodeia e que muitas vezes nos represa e sufoca. Uma sensação que vai de culpa a raiva, impotência por querer mudar o que nos desagrada. Mas aí vale a importância do que nos lembra Theo, a partir de sua experiência pessoal sobre a plenitude de consciência. Saber quem somos e confiar em si para melhor equilibrar as emoções e admitir, não sem uma passividade covarde, que não podemos alterar o que não alcançamos e seguir com o que nos é dado, é um caminho para dar leveza à vida. Estoicismo na veia, mas essa já uma outra história.

Ah, sobre Delfos...

"Conhece-te a Ti mesmo e conhecerás todo o universo e os deuses, porque se o que procuras não achares primeiro dentro de ti mesmo, não acharás em lugar algum"

PASSARINHO

[lebiSca, 21 anos. Escritora de romance, crônicas e poesia; mulher e sapatã; também conhecida como Débora. IG: @d_maranhess. Redatora fixa.]

Março de 2021

Gosto muito de passarinho. É sério, muito: por isso mesmo nunca poderia tê-los. Imagina só, ter uma coisa que tem que viver.

E o passarinho me faz bem, logo, não lhe faria mal. Já salvei muito passarinho no quintal dos meus pais. Alguns não se deram conta, mas teve Bem-Te-Vi feliz. Eu até exercitava as asas... É, eu amo passarinho. Do lado da janela do meu quarto eles sempre cantam, cantam muito e são muitos, felizes (ou com qualquer outro sentimento, vai saber) ali no verde. O verde é esperança e o passarinho me afaga o peito, como faz o sol morno que entra pela janela e bate na minha cama. Eu sei que às vezes eu repito expressões, também as expressões de afago, nos textos; ocorre que elas são muito específicas para serem rephraseadas.

Acordar assim com os passarinhos sabiando e *'bemteviando'* e *'pardalando'*, piando, e o morno da luz esquentando meu corpo - o sol pela janela batia na minha cama e em mim, batia não, afagava, acariciava, acalentava - era coisa de ternura. Fazia-me esquecer do caos; ou me fazia ter direito àqueles primeiros momentos do dia antes do caos, quando existia paz na crueza de estar vivo. Sem mais nada.

Um dengo com a vida (vida em si, não a que acontece nos trâmites do mundo). Os passarinhos...Gosto tanto de passarinho. Gosto mais ainda dessa sensação de maciez pacífica no meu peito; e eu sinto isso sempre no outono, o outono é maravilhoso, tudo fica melhor e mais dengoso nessa época. Friozinho com sol. Leio um livro pela manhã e tomo café com leite, escuto os passarinhos e dou carinho para o gato, escrevo e escrevo e escrevo e

geralmente é nessa época que termino de escrever um romance, ponho em prática um projeto ou derramo poesias de tranquilidade. Durmo bem a noite e acordo pela manhã - bem diferente do verão.

A paixão por respirar é bonita. Tem sido tão rara... Tão, tão rara, em tempos poluídos... Mas é bonita quando vem assim. Os passarinhos não são azuis, mas o céu é. Fico morna nessa brisa fresca e a brisa deve vir do céu (não me estraguem em explicações científicas). De vez em quando, um avião corta a pacificidade da natureza, turbina, risca o céu e pia mais alto que os passarinhos, ruge. Se durasse mais me faria pensar nos homens e máquinas capitais, mas é rápido e não o faz, não estraga a maciez, só traz nostalgia. Aqui perto tem um aeroporto. Eu ficava apontando os aviões no céu para minha mãe. Mas eu gostava mesmo era de deitar na rede com ela e olhar os passarinhos da árvore lá na frente, a árvore de flores amarelas. Mas isso já é na primavera... Ah, memórias macias, lampejos no tenro presente e sensações.

Ninguém entende essa minha maciez. Talvez, talvez, só os passarinhos.

Vou arranjar um caderno artesanal com capa de passarinho: nele vou fazer minhas anotações. E mais: vou datar todas as que forem trechos do coração.

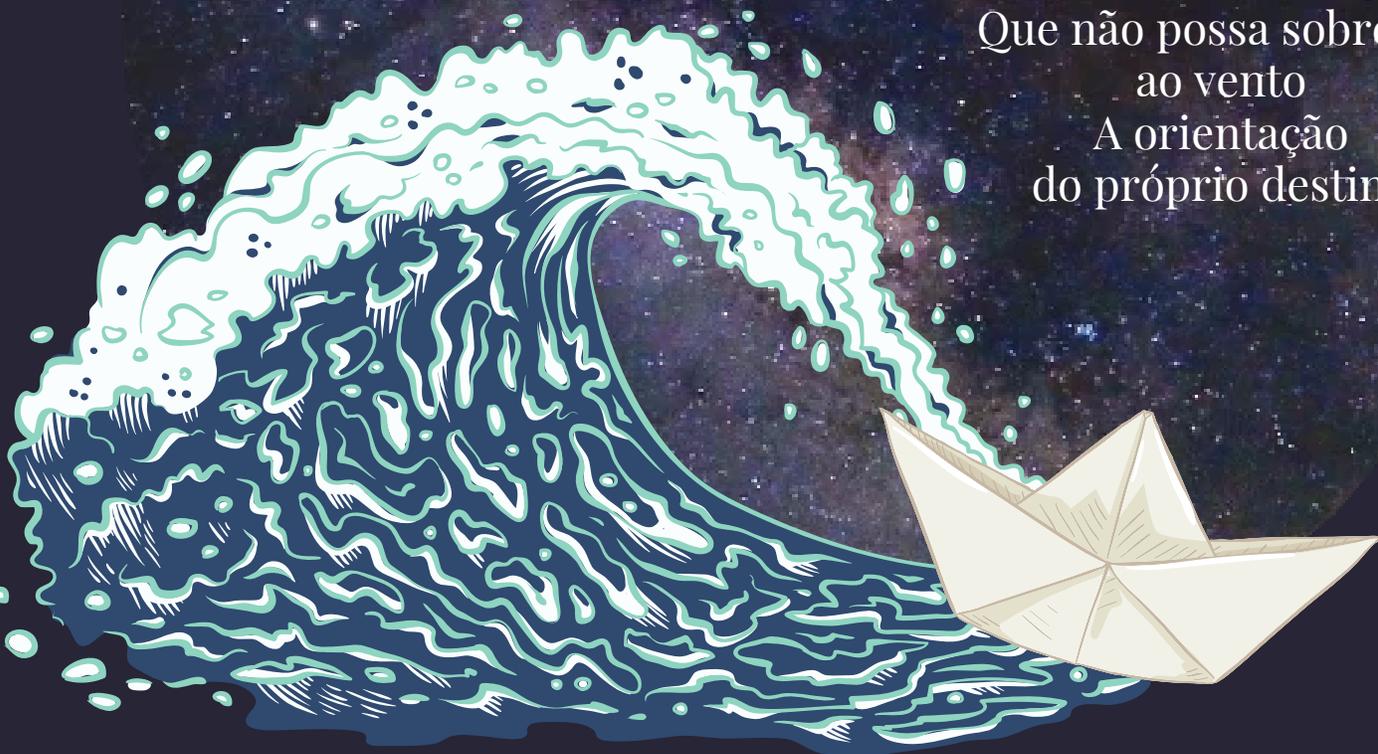
Ass.: lebiSca.



ÉOLO

Leve como um barco:
Se ancorado
Paralisa
Mas não se afunda

E não tão leve
livre e solto
Que não possa sobrepor
ao vento
A orientação
do próprio destino



Texto por: Bianca B, 25 anos, psicóloga, casada. Redatora e revisora fixa do projeto Curinga. @biancabrbz

Ilustração por: Maria Júlia Figueiredo, 21 anos, mulher, branca, cis; estudante de serviço social; administradora do projeto e responsável pelo núcleo de design. @amaria.julia

A LEVEZA DE UM CHORO

[Juliana Veríssimo, 18 anos, cis, branca, estudante de Administração, @verissimo.juh IG. Redatora fixa]

Sentimento guardado, não quero atrapalhar ninguém com
meu drama penso
Mas por que quero chorar a cada dia que se passa?
Só quero ficar bem, e demonstrar isso
Mas...
E se...
Eu não estiver bem?
Só queria um abraço, daquela pessoa específica, que tanto
me faz falta, por mais de anos de sua partida
As lembranças continuam vivas, eu sei...
Mas lembrar que poderíamos ter mais momentos machuca
Mas... não, não quero chorar
Se eu pudesse falar tudo o que sinto falta, ficaria por horas
contando como tudo poderia ser diferente
Saber mais sobre você alegre meu dia, pois havia mais
pessoas que participaram desta por sua vida.
Respirar fundo e poder desabar é necessário e a leveza que
vem depois é tão necessária quanto um abraço da pessoa
que se ama.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS EM RICARDO REIS

[Lucas de Oliveira Santos, 25 anos, @lucasant_os, Estudante de Psicologia, músico, homem cis, branco, bissexual, redator fixo]

Seguiu no tempo desde que tudo ocorreu; ora, não caberia mais nada para si além do tempo que teve, abraçou o que tinha. Viveu três ou quatro tipos de relações estranhas, é engraçado quando se tenta colocar em palavras para os outros o que foi vivido ali, entre duas — ou mais — pessoas. Experimentou tudo do que tinha vontade, até porque valorizava as angústias, mas, mais ainda, suas felicidades — certamente a angústia era parte da felicidade. Um dia falou pra sua amiga que não sabia muito bem separar uma coisa da outra. Mas, sabe o que amava de verdade? Tudo o que fosse seu.

Pensou sobre ter errado com quem quer que seja; A vida sempre foi movimento. Era uma pena ter sido algo ruim para quem quer que fosse. Mas era bom saber que acabou acertando mais do que errou; mas, quem é que tava ali contando pontos para cada acerto, não? Melhor ou pior, só soube das coisas boas depois de ter experimentado o lado mais complicado delas. E quem é que, à essa altura, estaria se perguntando sobre questões morais? Convenhamos que essa tal felicidade nunca passou por esse crivo — sorriu com aquele jeitinho mais maldoso. Ainda mais agora.

Nem era tanto sobre ter acertado, primeiro porque isso não diz tanto respeito a si, “uma vez que é o ‘outro’ que acaba apontando meu erro”; segundo porque “de que adiantaria ter acertado tanto se não fosse para me fazer

feliz?”. Mas também não era sobre ter sido feliz. Não haveria felicidade que lhe coubesse todo porque, no fim, sempre foi sobre ser inteiro.

Haveria de ter feito qualquer coisa diferente? Certamente que não. Um dia pensou em voltar no tempo — pensou muito rápido, pois, se pensasse demoradamente, já lhe pareceria ridículo demais para sustentar uma elucubração séria — o que faria diferente? Qualquer coisa que lhe fosse diferente no passado lhe teria feito outro sujeito agora, portanto, que exagero seria esse de pensar que cada existência é maior que o tempo no qual ela está? Ora, só existe uma única possibilidade de ser e é exatamente essa.

Não haveria nada de novo nesse tempo. O melhor de tudo foi ter sido leve e todo leve; leve ao ponto de flutuar sobre tudo, cada feixe de luz de si flutuava sobre tudo. Nunca foi sobre ser, apenas feliz. Era sobre ser assim.

OBS: O texto é em referência a duas obras de Ricardo Reis, “Segue o teu destino” e “Para ser grande, sê inteiro”.

ISSO ME LEMBRA UM FILME...

Curingas lembraram de:

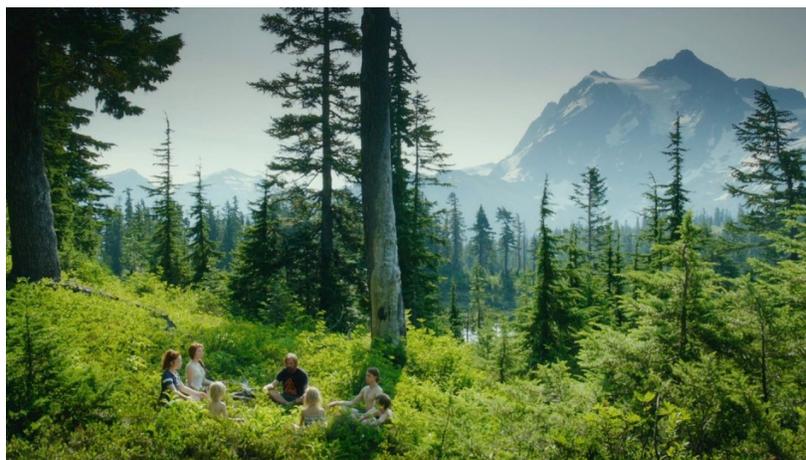
Ben (Viggo Mortensen) vive com seus seis filhos longe da civilização, em uma rigorosa rotina de educação física e intelectual, que faz com que as crianças aprendam a lutar, debater, lêem obras clássicas e se tornem o mais autossuficientes possível. Certo dia, um triste acontecimento faz com que a família tenha que abandonar seu pequeno paraíso remoto, fazendo com que Ben tenha que encarar o que realmente significa ser um pai.



Na Natureza Selvagem (2007), de Sean Penn

Esse mês, estou indo pela interpretação cinematográfica de que “leveza” = “liberdade”, e de como a busca por essa liberdade pode ser perigosa. Claro que essa é só uma abordagem de muitas possíveis, mas logo que bati o olho em *Capitão Fantástico*, me lembrei de *Na Natureza Selvagem*, já que ambos os filmes falam sobre esse desejo de deixar a civilização para trás como modo de se libertarem. Ambos retratam eventos trágicos que provêm dessa escolha, mas seus finais (e o tom geral de cada filme), são imensamente diferentes. Em *Capitão Fantástico* podemos ver como essa busca pela leveza da liberdade não vem desprovida de obrigações, embora diferentes. Ao mesmo tempo, nem sempre essa visão, esse estilo de vida, no caso desse filme imposto pelo pai nos próprios filhos, acontece da maneira que prevemos ou traz os frutos que esperamos. Em *Na Natureza Selvagem*, a escolha parte completamente de Christopher, que nunca parece se arrepender dos caminhos que tomou e realmente encontra a leveza que tanto almejava. Mas a qual custo? Será que essa busca insana pelo que achamos que vai nos livrar dos pesares da rotina, realmente vale tudo que temos que abandonar para tal? Ambos os filmes terminam nos deixando com um desejo por essa leveza que os personagens sentem, mas com uma clareza de que é necessário equilíbrio e compromisso para que essa leveza realmente seja efetiva e benéfica.

[Ana Junqueira, 'Sol', 23 anos. @restlessol_ em todas as redes e @oculo_colore para fotografias. Formada em cinema e redatora fixa]



Capitão Fantástico (2016), de Matt Ross

Para acompanhar, Sol recomenda:

A história real de Christopher McCandless (Emile Hirsch), que no início da década de 90, após concluir a faculdade, resolve viajar sem rumo pelos Estados Unidos em busca de liberdade, deixando para trás todas suas posses e economias. Durante sua viagem, conhece pessoas que mudam sua vida, do mesmo modo que ele muda a delas. Após dois anos vivendo dessa maneira, Christopher resolve começar sua maior jornada até então, rumo ao Alasca.

QUASE ROTINA

[Maria Júlia Figueiredo, 21 anos, mulher, branca, cis; estudante de serviço social; administradora do projeto e responsável pelo núcleo de design. @amaria.julia]

São sete horas e o celular tocou,
Lembrou-me que preciso agir,
Sento-me, olho para o lado e paro
Divaguei por um momento...
Levanto e num balanço vou até a janela
Na calma estico os braços e expando minha visão
O céu acordou ainda mais azul e o abacate do vizinho ainda me paquera
Já faz um tempo que ele está ali, por que não cai?
O tempo todo suspenso.
Passarinho passa e rouba minha atenção,
Com todo seu balanço pouasa
Pequeno, agitado e observador
Ele vê de um tudo,
E ainda controla sua visão.
Tiro minha atenção do bichinho e reparo que a lua está ali,
Será que numa compreensão mística há um romance?
O sol, a lua
Um romance complicado, não diria proibido, mas um tanto cansativo.
Viver com a ausência mexe com algumas questões...
Divaguei mais uma vez...
Ainda adormecida, minhas pernas fazem sua dança,
De um passo em outro passo chego ao banheiro,
'Vamo pro' chuveiro
A água vai caindo sem pressa,
Molha tudo e eu
Eu nesse banho desejei tudo,
Desde um carinho até uma torrada,
A torrada é o que tenho, o carinho a gente vê depois
Ou deixa para quem quiser chamego.
Desligo o chuveiro e com pressa tiro o excesso d'água,
A partir daí começa,
Sem divagar, sem imaginar ou fantasiar,
Vai trabalhar, estudar e a gente se vê quando terminar!

ANTÔNIMO

[Victória Secco Pizzirani, 20 anos, feminino, estudante de Arquitetura e Urbanismo, voluntária do Projeto, [@vick_pizzirani](#). Redatora fixa]

Pesaram
palavras,
momentos,
escolhas,
A vida pesou.

A comida pesa em meu estômago,
As palavras pesam em minha mente,
O sentimento alheio, a angústia me afoga.

Aos poucos, parece que tudo o que me motivava passa a pesar,
as coisa parecem não ter mais o mesmo sentido,
encontro-me pesada e sozinha no fundo do poço.

Mas há uma luz,
que reluz na ponta do meu nariz,
a qual me aquece e ilumina.
Uma luz que atravessa por tudo a escuridão densa que me rodeia,
e me mostra uma saída.

O LUAR

[Caroline Oliveira, 18 anos, mulher cis, branca, artista, [@carolaineoliveiraa1](#) no Instagram]

A leveza, na ponta dos pés
Ao girar
A liberdade soa
Perto do ouvido
Sussurra a mais bela borboleta
Em tons graves de paixão
Em pura conexão consigo mesmo
O balançar dos cabelos ao vento
Que se encontra nas nuvens de luar
Para ti, sentir
Os ventos balançarem
E os pés flutuarem.

A EFÊMERA LEVEZA DE SER

[Maria Fernanda de Sousa, 21 anos;
estudante de Psicologia e voluntária
do Projeto Curinga. @mariafsousas]

10h da manhã.

Saindo de um banho extremamente esperado após (tentar) colocar meu corpo para se mexer. Embriagada de endorfina. Ao fundo, está tocando “não identificado”, uma das minhas preferidas da Gal, a qual, por sua vez, também vem a ser uma das minhas preferidas da vida. Enquanto me enxugo, entra pelo vitrô do banheiro um raio de sol da manhã. Aquele que não queima, mas que, ao invés disso, parece entrar e quase envolver cada poro do seu corpo num abraço. Fecho os olhos e me sinto leve. Naquele exato instante, tudo ao meu redor está em paz. Sinto-me bem, confortada. O universo e eu somos um só. Tudo faz sentido.

Pausa.

... lembro do pai de um conhecido que está intubado.

De uma outra colega que teve seus pais mortos, um após o outro.

Assim... sem tempo de reação. Sem o direito de recomposição.

4.195 mortes só ontem. 4.195 famílias que choram uma dor inigualável, profunda, incurável.

E se meus pais, por um descuido, se infectarem? E se me deparar com alguém que eu amo rendido para um bichinho que, na mesma proporção em que é pequeno, é perigoso?

Volto.

Com a mesma rapidez que o sentimento de leveza veio, ele se esvai junto ao vapor quente que sai pela janela.

Passo um creme no meu corpo, sinto cada parte dele tomada por aquele cheiro que eu tanto gosto e, por uma fração de segundo, a paz volta para o meu ser.

Visto-me.

Um sentimento bom de frescor. Gosto da sensação.

Pego o celular, abro as redes sociais.

Chuva de informações. A maioria delas, ruins. Quase como um tsunami que chega abruptamente e toma conta de todo o meu sentir, diluindo qualquer resquício de prazer que restasse em mim.

A leveza é um instante. Um respiro, um sopro.

Tão efêmera quanto o movimento de se piscar os olhos

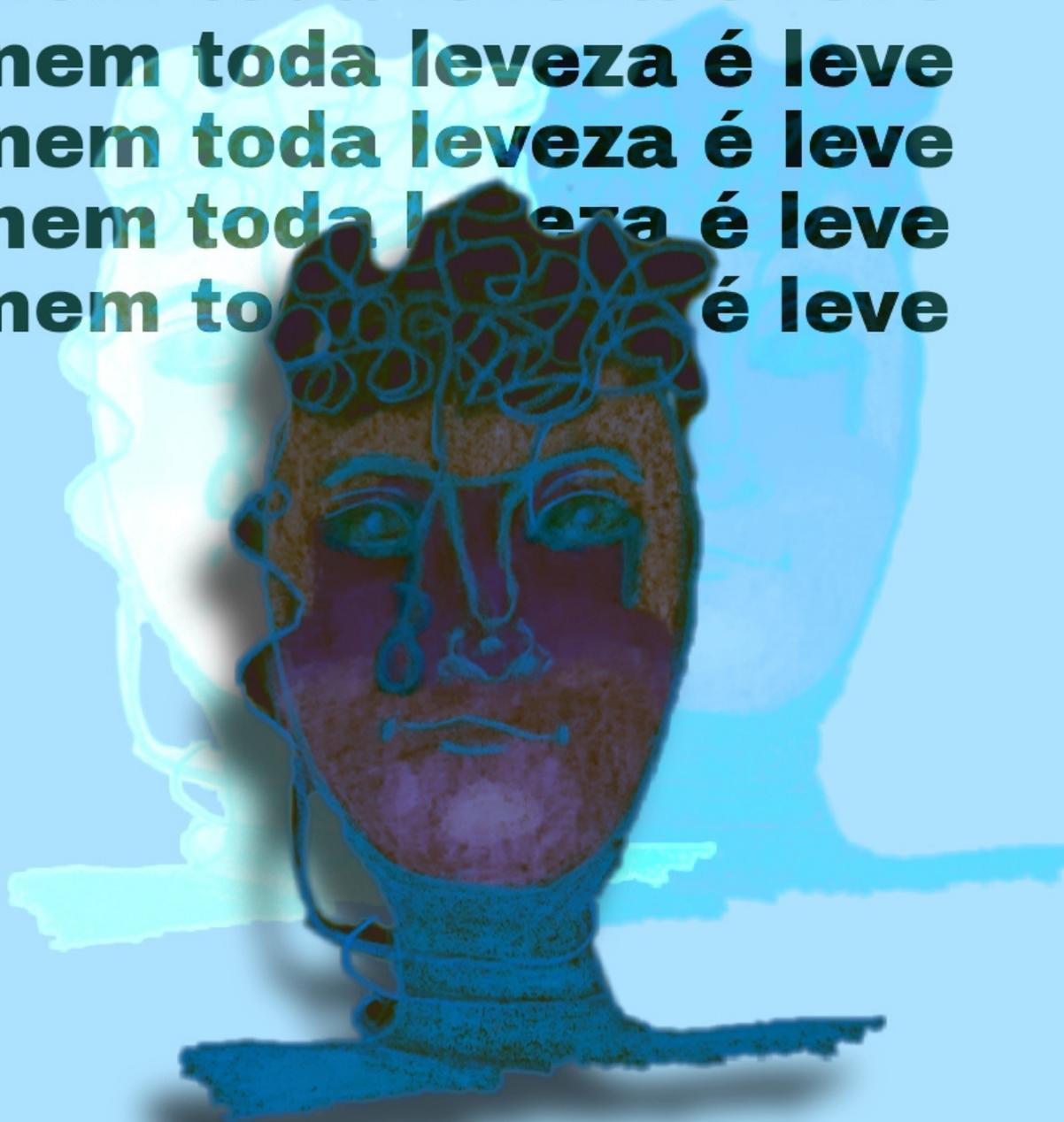
...e tão essencial quanto.

O instante que precisamos.

NEM TODA LEVEZA É LEVE

[Maria Clara Daniel, 20 anos, mulher cis, branca; Estudante de Psicologia, @_outro_eu no Instagram, redatora fixa]

**nem toda leveza é leve
nem toda leveza é leve**



Saudações, curingas!

Como vocês sabem, é sempre uma alegria enorme finalizar os temas aqui, com essa revista linda e recheada do que pertence aos nossos corações!

Essa, em especial, é uma delícia de pôr no mundo: discutimos Leveza. E, embora os opostos sempre surjam e tema tenha tocado em alguns lugares difíceis de pensar e de olhar, ele também desdobrou espaço para curar algumas questões.

Esse tema me ensinou que leveza é força, resistência e direito. Que, além de bonita e prazerosa, pode ser desconfortável e desafiadora. Que é alcançável, real e que está no mundo, independentemente dos pesos que também estão.

Aqui, encerro o tema - mais uma vez inesgotável, com a expectativa de que tenha tocado em vocês de forma similar.

Agradeço profundamente à todes que constroem o projeto, de dentro ou de fora, e criam aqui esse spacinho leve e acolhedor. Espero sempre ter lugar para que todes possam eistir com o coração leve.

Com amor,

Curinga

Realizadores

FIXES

Ana Luisa Anunciação – Administradora | Redação | Revisão
Ana Junqueira (“Sol”) – Redação | Mídia
Bianca Barboza – Redação
Caroline Oliveira – Redação | Design
Daniela Camargos Miranda – Redação
Débora Maranhês (LebiSca) – Redação | Revisão
Elizabeth Correa – Redação
Esther Goulart – Mídia
Gabriela de Campos Martins – Revisão
Gabriela Roberta Silva – Revisão
Juliana Veríssimo de Paula – Redação | Revisão
Lara Goulart – Administradora | Redação | Redação | Mídia | Design
Lucas de Oliveira Santos – Redação | Revisão
Maria Clara Daniel – Administradora | Redação | Design
Maria Fernanda Daniel – Design
Maria Fernanda de Sousa e Silva – Revisão | Mídia
Maria Júlia Guimarães Figueiredo – Administradora | Redação | Design
Tayline Oliveira Santos – Revisão
Victória Secco Pizzirani – Redação
Vivian Theodore Silva – Mídia
Wesley Azevedo – Design